

Brasil ainda perde reservas

VERA BRANDIMARTE, MAURÍCIO PALHARES* PAULA PAVON

SÃO PAULO – O Brasil continua perdendo reservas, mesmo depois de ter anunciado nova política para aumentar juros e liberado o câmbio, além de o governo estar conseguindo vitórias importantes no Congresso, na votação do pacote fiscal, como a nova alíquota da CPMF. Ontem, até as 19h30, o saldo das entradas e saídas de divisas do país estava negativo em US\$ 328 milhões, sendo US\$ 268 milhões pelo câmbio comercial e US\$ 60 milhões pelo flutuante.

A continuar essa fuga diária, em valores ainda altos, o mercado teme que o Banco Central acabe sendo testado quando a disponibilidade de moeda americana diminuir muito e as cotações, então, tenderem a subir. O controle sobre a situação vai depender da estratégia que o BC usará para voltar ao mercado vendendo dólares. Até agora, a política do BC é uma incógnita.

Logo pela manhã, a entrada de dólares de duas operações de pré-pagamento de exportações da Volkswagen, nos valores de US\$ 75 milhões e US\$ 30 milhões, provocou a valorização do real. O dólar, cotado a R\$ 1,58 no fechamento de segunda-feira, chegou a cair a R\$ 1,51. Mas a operação foi absorvida e as cotações do dólar comercial, em boa parte do dia, ficaram na faixa de R\$ 1,57 para compra e R\$ 1,59 para venda. No fechamento caíram um pouco para R\$ 1,55 e R\$ 1,57, respectivamente. Considerando a taxa média ponderada dos negócios fechados (a PTax calculada pelo BC), desde terça-feira da semana passada o real já teve desvalorização de 22,26%.

As cotações dos contratos futuros da Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F) chegaram finalmente ao nível dos novos valores registrados pelo mercado, exceção do contrato de fevereiro. Através de limites diários de oscilação, a bolsa vinha administrando a correção dos preços e das garantias dos contratos para evitar problemas de inadimplência na liquidação. O contrato do dólar futuro para março fechou em R\$ 1,563, com

alta de 4,41% em relação ao dia anterior. Abril fechou em R\$ 1,605, com alta de 4,2%. Os negócios só ficaram paralisados no contrato de fevereiro, que atingiu o limite diário de alta de 11% ao tocar R\$ 1,50, ainda abaixo do mercado à vista.

Outro indicador importante da confiança dos investidores no país, os títulos da dívida externa brasileira, encerraram o dia ontem com ligeira queda. O papel de maior liquidez, o C-Bond, negociado a 58% do seu valor de face na sexta-feira caiu para 57,5%. O IDU, de 86,62% para 85,70%.

Apesar de o mercado continuar tenso, o dia de ontem também teve boas notícias. A vitória do governo no Senado, aprovando o aumento da CPMF de 0,20% para 0,38%, e a perspectiva positiva em relação à votação hoje da contribuição dos servidores inativos, com aumento para os ativos, deram sustentação às bolsas. As ações encerraram o dia com valorização, mesmo depois de os juros básicos da economia terem subido – o que, em condições normais, seria negativo para os negócios –, e a Bolsa de Nova Iorque ter passado o dia em queda. Em São Paulo, o pregão fechou com alta de 3,75% e um volume financeiro razoável de R\$ 644,553 milhões. No Rio, a bolsa fechou com ganho de 5,55%.

A alta dos juros, definida na reunião do Conselho de Política Monetária (Copom), segunda-feira à noite, foi recebida positivamente pelo mercado. Ela tenta inibir a saída de dólares e um repique inflacionário – com a aprovação de medidas fiscais, seria mais um fator para acalmar o mercado financeiro nesta semana.

Ao abrir a banda dos juros, elevando a Tban para 41% ao ano e derubando a TBC para 25%, o governo sinalizou também que voltaria a atuar na formação de taxas de juros utilizando-se das operações de um dia no mercado interbancário. A Selic, a taxa overnight, estava em 29,94% na segunda-feira. Ontem o BC entrou no mercado emprestando dinheiro aos bancos e puxou a Selic para 32%.

Reuters



O ministro Pedro Malan se reuniu ontem, em Washington, com o presidente do BID, Henrique Iglesias